

JULIÃO, José Nicolao. **O ensinamento da superação em *Assim falou Zaratustra***. Campinas, SP: Editora Phi, 2016. 204p.

Alice Dias¹

Em *O ensinamento da superação em Assim falou Zaratustra*, José Nicolao Julião preenche uma importante lacuna nos estudos acerca dos escritos de Nietzsche ao desenvolver uma interpretação de conjunto da principal obra do Filósofo: *Assim falou Zaratustra*, exibindo sua gênese, a subdivisão estrutural da obra, seus conceitos principais e o arranjo destes nos grandes temas, bem como as transições experimentadas pelo protagonista. Em sua hipótese interpretativa o ensinamento da superação é o *leitmotiv* da obra, pois é o que impulsiona a ação dramática do "tornar-se o que se é" e o que articula seus principais temas como contradição, redenção e vontade de poder, sem, com isso, querer contradizer a afirmação do próprio Nietzsche em *Ecce Homo* de que o eterno retorno é a concepção básica da obra. Com o objetivo de manter a correspondência entre o prefixo "super" e o tema da superação, o termo alemão *Übermensch* é traduzido por super-homem, tradução esta que manteremos nesta resenha em respeito à escolha e justificativa do autor. O livro está organizado em sete capítulos.

No primeiro capítulo a problemática central, o ensinamento da superação, é temporariamente colocada na periferia como meio para dedicar espaço devido ao seu propósito no capítulo, que é situar o *Assim falou Zaratustra* (ZA) no conjunto da obra do filósofo e, com isso, demonstrar sua gênese. Julião defende que o lugar de destaque de ZA na obra de Nietzsche se justifica pela presença maciça dos temas centrais de sua filosofia, como também pelo estilo poético, modo pelo qual Nietzsche expressou de maneira mais profunda seu pensamento. Portanto, trata-se de um capítulo fundamentalmente histórico-filológico. A partir de um levantamento acurado da bibliografia secundária, exposta passo a passo na primeira parte desse capítulo, decide-se por compartilhar da divisão padrão do conjunto da obra de Nietzsche em três fases e manter o estatuto de obra principal ao ZA, tal como sugere também o próprio filósofo. Em seguida é explorada sua hipótese interpretativa de que *Zaratustra* surge das reflexões do filósofo acerca da falta de sentido histórico durante os escritos de sua fase intermediária, especificamente enquanto escrevia *A Gaia Ciência*. O autor defende que a fase

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Professora do Programa de Ciências Humanas da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). Curitiba, PR, Brasil. E-mail: dias.alice@hotmail.com

intermediária não deve ser vista como uma fase positivista, nem como um simples momento de transição, mas como o momento em que Nietzsche alcança sua independência filosófica. *Assim falou Zaratustra*, obra que inaugura a terceira fase ou fase de maturidade, pode ser vista como uma obra que resultou dos estímulos de sua fase intermediária. Quanto ao estilo, Julião entende que *ZA* é uma obra perspectivista dados os diferentes estilos e fontes adotados na composição de suas doutrinas. Assim, essa obra é vista como uma sinfonia, dada sua forma sonora e rítmica; como poesia, se o olhar estiver voltado para sua composição estética; ou ainda como um escrito sagrado, caso sejam consideradas as paródias bíblicas e o combate à tradição religiosa.

No segundo capítulo intitulado "O mundo sem fundo de Zaratustra", Julião se propõe a demonstrar o valor da contradição no ensinamento da superação em *Assim falou Zaratustra*, – ou, em outras palavras, que a realidade dinâmica, múltipla e contraditória não é impedimento, mas pré-condição necessária para a superação do homem. O autor salienta que Nietzsche se posiciona contra a tradição filosófica desde Platão, por buscar uma verdade que não se contradiz, imóvel, concebendo conceitos fundamentais excludentes que opõem o verdadeiro e o falso, tal como essência/aparência, criando, assim, um mundo duplo, donde Nietzsche pressupõe que domine nesses espíritos o receio perante a vida, justificativa mesquinha para a criação de um "outro" mundo, "melhor". Julião chama a atenção para o dado de que a contradição não é especificidade de *ZA*, nem das obras posteriores a esta, mas elemento presente desde os escritos de juventude, figurando de diferentes maneiras, a saber, como crítica à tradição filosófica, por esta buscar sempre a eliminação de um dos lados ou, ainda, como meio de constituição de um tipo elevado, provocado pela tensão dos opostos. Aqui defende-se a ideia de que *ZA* deve ser interpretado como um ensinamento antidoutrinário e assistemático, ou seja, que pensa as contradições sem aniquilá-las e sem vislumbrar um fim último. Segundo sua hipótese interpretativa, *ZA* narra a trajetória do profeta Zaratustra em seu ensinamento da autossuperação, a sabedoria do super-homem. Este não pode ser visto como um substituto do Deus morto, mas como o homem que aboliu esse universal, imóvel e não contraditório. Trata-se da implantação de uma nova perspectiva, caracterizada pela superação dos velhos valores e criadora de novos. Essa nova perspectiva é a vontade de poder, conceito abordado por Nietzsche na segunda parte do *ZA*.

No terceiro capítulo, Julião investiga o papel do prólogo para o *ZA*. De acordo com seu acurado levantamento da literatura secundária sobre o 'estado da arte', apresenta duas grandes vertentes interpretativas acerca do papel do prólogo na obra. A primeira o considera vinculado somente à primeira parte do *ZA* por terem sido enviados juntos para o editor antes do restante

da obra em 1883. A segunda vertente, talvez de posse de argumentos mais fortes, considera o prólogo a base de toda a obra, uma espécie de introdução estruturada do seu conjunto. O prólogo apresenta três temas centrais: o último-homem, o super-homem e a morte de Deus. Além da importância desses temas para o desenrolar da trama, ou seja, para se chegar à transvaloração de todos os valores e ao eterno retorno, Julião chama a atenção de sua importância para a anunciação, em que Zaratustra "ensina aprendendo e aprende ensinando" (p. 76). Tendo atingido a mais grandiosa sabedoria, ultrapassando o demasiadamente humano, Zaratustra necessita descer das montanhas, deseja encontrar os homens para ensinar-lhes a lei da vida e corrigir o erro fatal da invenção da moral. Nesse sentido, os três conceitos centrais do prólogo estão intimamente ligados entre si e diretamente relacionados com a ideia de superação, *leitmotiv* da obra. A anunciação da morte de Deus é necessária e é a partir dela que se abrem dois caminhos: tornar-se o último-homem ou tornar-se o super-homem. Deus garantia a ordem metafísica, epistemológica e moral do mundo, a base do sentido histórico, e não é por menos que a tomada da consciência da morte de Deus seja um momento tão perigoso, pois ou a humanidade é tomada pelo sentimento de que tudo é em vão ou assume o caminho da superação do niilismo, assumindo que não há guia externo para nos tornarmos o que somos. O 'último' de "o último homem" não deve ser confundido com extinção, mas como produto final da *décadence*. O último-homem é o homem europeu moderno, caracterizado por se ocupar com banalidades e se entregar ao entretenimento como forma de fuga do niilismo e conservação da vida. O super-homem, ao contrário, é aquele que decide enfrentar, superar o niilismo, ir para além dos valores de bem e mal vigentes até então. "Zaratustra introduz, assim, a imagem do super-homem, como se fosse uma espécie de bússola, para promover a reeducação das aspirações e dos pensamentos humanos sobre a intensificação da vida, o que capacita a humanidade a ganhar um senso de direção" (p.89-90), o ultrapassamento do último-homem.

No quarto capítulo Julião dá continuidade à sua análise, debruçando-se, agora, sobre a primeira parte do ZA. O estilo iconoclasta é apontado como sua principal característica e, apesar de nesta parte da obra a superação não deixar de se identificar com a criação, pressupõe fundamentalmente a destruição. O autor defende que apesar do prólogo ter a função estruturadora da trama inteira, a primeira parte também possui algum teor sinóptico, pois ensaia o que será desenvolvido ao longo da obra logo no primeiro discurso intitulado "Das três metamorfoses", referindo-se às três transmutações do espírito simbolicamente representadas pelo camelo, pelo leão e pela criança, nessa ordem de superação. Após descer a montanha, tendo lá deixado todo o peso de sua existência, Zaratustra encarna nessa primeira parte da obra

o espírito do leão, lançando "um sagrado 'não' a tudo o que os homens consideravam grande e digno de culto e, desse modo, libertar-se-á de toda a verdade com pretensões a transcendência, universalidade, totalidade e igualdade" (p. 96). A ideia de transmutação é identificada com a de superação. Diferentemente dos comentadores que interpretam essa passagem como autobiografia intelectual do autor e de outros que entendem a transmutação do espírito como síntese do eterno retorno, Julião defende que este discurso está situado na abertura da primeira parte justamente para cumprir seu papel introdutório, dando um panorama geral do processo de transmutação que seu personagem Zaratustra terá de passar para então chegar a ser o que se é. A biografia do autor não é utilizada para explicação da obra e é descartada a possibilidade da interpretação da transmutação do espírito através do conceito de eterno retorno por considerar prematuro o uso de tal tema na primeira parte da obra, apesar de concordar que já se trata das bases de sua construção. A característica fundamental da primeira parte é a iconoclastia porque nessa fase Zaratustra, enquanto leão, só é capaz de destruir os antigos valores. O processo de autossuperação é contínuo e, nesse momento, ele ainda não é capaz de criar. Ele reconhece que a liberdade conquistada pelo leão é necessária, etapa indispensável em sua trajetória de superação, um passo importante para a autonomia, mas insuficiente para a criação. O leão representa a libertação, mas "não basta ser livre; não basta matar Deus; não se escapa facilmente do jugo. Por isso, para Zaratustra, não importa ser 'livre de quê?', mas ser 'livre para quê?' (p. 108). Julião explora o significado de criação em Nietzsche, reafirmando que não se trata do significado dado pela tradição judaico-cristã, em que "do nada tudo se fez", mas criação como devir. Sendo assim, "não há busca, não há um caminho antes do caminhar, o caminho se faz caminhando. (...) Não se cria porque falte algo à vida, mas porque não há vida sem criação. O ato criador é doador. Quem cria não guarda para si a criação, mas quer doá-la" (p. 108-9). Doa, mas não quer guardar para si, não quer seguidores, não quer discípulos, e é por isso que ele acaba a primeira parte prevenindo seus seguidores de si mesmo. Insatisfeito com seu ensinamento, capaz somente de destruir, mas de nada criar, Zaratustra retorna à solidão de sua montanha. Ele ainda precisa passar por novos desafios no processo de se tornar o que é. Na primeira parte de sua obra Zaratustra ainda não é capaz de criar.

No quinto capítulo Julião explora a segunda parte do ZA. De acordo com o autor de *O ensinamento da superação em Assim falou Zaratustra*, o esforço da autossuperação nesse capítulo gira em torno da construção da doutrina da vontade de poder, já esboçada desde 1880, mas aparecendo pela primeira vez em obras editadas na segunda metade de 1883, justamente em *Assim falou Zaratustra*. Julião defende que nessa época "Nietzsche ainda não dispunha de

uma melhor elaboração do conceito, identificando-o e definindo-o (...) como vida (...). (...) [não se trata de] um princípio metafísico, como a vontade de viver de Schopenhauer (...), mas (...) vontade de ultrapassamento de si, ou seja, autossuperação no ser vivente" (p. 114). Esta concepção de vida jamais será abandonada pelo filósofo, e a doutrina da vontade de poder será ampliada para o todo existente, orgânico e inorgânico, sendo também "aquilo que faz de tudo não para se conservar, mas para se superar, isto é, tornar-se mais"(p. 116). Na segunda parte de ZA Nietzsche vincula o ensinamento do super-homem ao de vontade de poder enquanto força criadora. Vontade de viver é vontade de poder no sentido de que em todas as suas expressões ela quer ser crescimento, procriação, desenvolvimento, expansão. No entanto os homens sofrem, e a raiz desse sofrimento está nos ensinamentos proferidos pelo profeta do pessimismo e da morte: o "advinho", caricatura de Schopenhauer. Em seus ensinamentos a importância da vida é posta em questão a partir do argumento de que se tudo é perecível, qual seria o propósito da vida? Cansado desse ensinamento Zaratustra emerge como defensor da vida, ponto alto dessa segunda parte em que a noção de redenção ampliará a de autossuperação. Nem rancor do passado, nem anulação da vontade. Zaratustra "ensina aos indivíduos a se redimirem de todo o passado, transformando todo 'assim foi' em 'assim eu quis' e, dessa forma, libertando a vontade de todo o rancor que lhe aprisiona, ampliando a sua potência" (p. 128). A vingança é fútil porque fatos novos não mudam o passado, provocando, no fim das contas, a criação de um círculo vicioso. Além disso, a repetição do passado através da experiência da vingança impede a inocência do novo. O ensinamento da redenção não é motivada por nenhum *telos* que fundamente a vida fora da vida, muito pelo contrário, ensina que esse suposto *telos* não existe (a morte de Deus é a base desse ensinamento), rejeitando, assim, a concepção religiosa e moral do mundo de onde decorre "o ensinamento de que todas as coisas no mundo estão ordenadas moralmente em concordância com a eterna lei da justiça e punição, isto é, com a lei do bem e do mal" (p. 130). O requerido na experiência do retorno não é "o conteúdo literal do instante, mas a momentaneidade do instante, isto é, o desejo do tempo e o perecimento do tempo" (p. 129). Julião rebate a ideia de alguns comentadores que veem incompatibilidade entre vontade de poder e eterno retorno. Em sua interpretação esses ensinamentos não só não são incompatíveis, como se complementam, uma vez que o ensinamento da redenção pretende construir outra atitude em relação ao tempo, despertando para a eternidade do instante. A redenção ensina que devemos nos tornar o que somos, tratando o passado como fato, como destino, um dizer sim à vida, inocente e criativo.

No capítulo seis Julião defende a importância da ideia do eterno retorno como meio de superação do espírito de vingança e do ressentimento, elementos que lançam a humanidade no niilismo. Sua hipótese hermenêutica é a de que o próprio Zaratustra é apresentado como o exemplo do aprendizado da superação, e que dessa experiência o super-homem deve emergir. Em sua investigação sobre o eterno retorno há uma concentração de esforços no ensinamento da redenção/superação e em sua importância "enquanto oferece uma solução para o problema da história relativo à natureza do tempo e à autoafirmação" (p. 136), deixando relativamente fora de seu recorte o estatuto cosmológico da doutrina. O eterno retorno é visto como uma criativa resposta ao problema do tempo e do "assim foi", dando significado à sua afirmação do instante, que é, fundamentalmente, a afirmação do caráter temporal da vida. Ao tornar a vontade temporal, portanto histórica, afirma-se a inocência própria da vida e nega-se o anseio por vingança contra o tempo no sentido transcendental e teleológico. O instante em Nietzsche não é o tempo presente, ou seja, não se trata de uma concepção serial do tempo, concepção esta que ao contrário, deve ser superada. O instante é a própria eternidade, pois traz em si o passado, o presente e o futuro. Por esse artifício Nietzsche elimina a dualidade excludente da tradição metafísica em que a eternidade é vista como algo contrário ao temporal e tudo que decorre desse conceito negativo do tempo. Como cada instante está conectado com o todo da existência, a eternidade é redimida e afirmada. A abertura que a doutrina do eterno retorno permite não é a transformação do passado propriamente dito, pois isso não é possível, mas uma aprendizagem sobre a importância desse passado, e que o aceite do instante implica o aceite da inocência do todo, pois o todo conduz ao instante e dele é proveniente. É uma transformação da atitude frente ao tempo, uma atitude que se quer redentora e criativa. Significa que os horrores do passado não devem ser vingados no presente, como também não devem ser ignorados ou negligenciados. A melhor maneira de lidar com os horrores do passado é "realizar um ato para o futuro tão criativo que seja capaz de redimir a si mesmo de todo o passado, e, com isso, em seu olhar, também a humanidade" (p. 148). Nesse sentido, o passado é afirmado como uma condição da vontade. Na direção de uma filosofia da existência, Nietzsche pretende educar afirmativamente, através de seu *Zaratustra*, "a vontade a respeito da natureza da ação de se autossuperar, chegando o indivíduo soberano a ser o que se é" (p. 156) enquanto um eterno fluxo do estar se tornando. Julião se pergunta, porém, ao final desta terceira parte, se esse pensamento se tornará exequível na quarta parte.

No sétimo capítulo o autor expõe a importância da quarta parte de *Assim falou Zaratustra* para a sua hipótese hermenêutica, pois é quando o ensinamento da autossuperação

se efetiva. Negando a posição da maioria dos intérpretes, Julião defende que a quarta parte da obra não é um "acréscimo supérfluo" e menos ainda o derradeiro abandono da ideia de super-homem por ser logicamente incompatível com a ideia de eterno retorno. Muito pelo contrário, compartilha da interpretação de que é na quarta parte que se dá a resolução da aporia entre o eterno retorno e o super-homem e, além disso, o momento em que a autossuperação se efetiva inteiramente. Por esse motivo a quarta parte não só não é supérflua, como é a parte mais esclarecedora da obra. Em sua tese o autor de *O ensinamento da superação* defende que nesta última parte Nietzsche demonstra que o processo de superação é individual sem que haja a necessidade do isolamento do convívio humano, como parece ocorrer no final da terceira parte. Demonstra também que o ensinamento da autossuperação não implica numa relação de compaixão ou amor ao próximo, como pode sugerir as duas primeiras partes. É na última parte, portanto, que Zaratustra supera a moral da compaixão, esta que, enquanto sentimento agregador de sofrimento, conduz à negação da vida e de si mesmo. Em poucas palavras, Julião defende a presença do ensinamento da superação em cada uma das partes de *Assim falou Zaratustra*, conferindo especial importância para a quarta e última parte, onde, de acordo com o autor, a parte termina em aberto, permitindo que o ensinamento da superação assuma um caráter antidoutrinário e dinâmico.